

PERSPECTIVAS SOBRE O LAZER DAS MULHERES COM A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: REFLEXÕES A PARTIR DOS DADOS DA PESQUISA “O LAZER NO BRASIL - REPRESENTAÇÕES E CONCRETIZAÇÕES DAS VIVÊNCIAS COTIDIANAS”¹

Recebido em: 05/08/2020

Aprovado em: 19/08/2020

Licença: 

Sarah Teixeira Soutto Mayor²

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Campus de Governador Valadares
Governador Valadares – MG – Brasil

Marcília de Sousa Silva³

Universidade Federal de Viçosa (UFV) – Campus de Florestal
Florestal – MG – Brasil

Carolina Gontijo Lopes⁴

Universidade de Coimbra (UC)
Coimbra – Portugal

RESUMO: O presente artigo busca refletir sobre práticas de lazer, mulheres e a pandemia do novo coronavírus, por meio de um diálogo analítico entre os dados da pesquisa “O Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas” e investigações científicas recentes. A referida pesquisa teve como objetivo geral investigar as possibilidades de vivência do lazer da população brasileira. Este artigo, em específico, analisa as diferenças percebidas entre mulheres e homens, filtrando-se os dados pela condição empregatícia e pelo estado civil. Concluímos que a crise histórica instaurada pelo novo coronavírus tende a agravar de forma alarmante as condições sociais para a vivência do lazer de grupos em vulnerabilidade, como é o caso das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de Lazer. Mulher. Pandemia.

PERSPECTIVES ABOUT WOMEN’S LEISURE WITH THE NEW

¹ Esta pesquisa foi financiada pelo Ministério do Esporte, que no ano de 2019 se tornou a Secretaria Especial do Esporte, vinculada ao Ministério da Cidadania.

² Doutora em Estudos do Lazer /UFMG. Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Governador Valadares (UFJF-GV). Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer (ORICOLÉ/UFMG) e do Núcleo de Estudos Educação Física, Corpo e Sociedade (NECOS/UFJF-GV).

³ Doutora em Estudos do Lazer/UFMG. Professora Adjunta Universidade Federal de Viçosa- Campus Florestal (UFV/CAF). Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer (ORICOLÉ/UFMG); Estudo do Movimento Humano UFV/CAL; Lazer, Gestão e Política (LAGEP/UFOP).

⁴ Doutoranda em Sociologia/Centro de Estudos Sociais – CES/Universidade de Coimbra, Portugal. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer (ORICOLÉ/UFMG).

CORONAVIRUS PANDEMIC: REFLECTIONS BASED ON THE RESEARCH DATA “LEISURE IN BRAZIL - REPRESENTATIONS AND CONCRETIZATIONS OF EVERYDAY EXPERIENCES”

ABSTRACT: This article intends to reflect on leisure practices, women and the pandemic caused by the new coronavirus, through an analytical dialogue between the data obtained in the research project entitled "Leisure in Brazil: representations and achievements of daily experiences" and recent scientific investigations. The referred research project inquired on leisure experiences of the Brazilian population. The present article analyzes the differences perceived between women and men by filtering the sample by an individual's employment condition and by marital status. Our conclusion alerts that the historical crisis caused by the pandemic of the new coronavirus tends to alarmingly aggravate social conditions, such as access to leisure of vulnerable groups, such as women.

KEYWORDS: Leisure Activities. Women. Pandemic.

Introdução

A pandemia do novo coronavírus, decretada pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020, já acometeu cerca de 19.800.000 de pessoas, vitimando fatalmente um número aproximado de 730.000 (JOHN HOPKINS UNIVERSITY, 2020). O Brasil ainda assiste, após mais de quatro meses da detecção do primeiro caso em solo nacional, a uma lamentável escalada do número de casos de Covid-19 e de mortes em vários de seus estados. No começo do mês de agosto, o país já havia contabilizado mais de 3.000.000 de ocorrências, ultrapassando a marca de 100.000 mortes⁵. Esse triste resultado tem como um de seus determinantes a ineficiência de medidas de contenção por parte do poder público, especialmente no âmbito federal⁶, situação que beira o descaso e a indiferença com a vida de inúmeros (as) brasileiros (as). Em especial, a população socialmente mais vulnerável.

⁵ Brasil. Ministério da Saúde do Brasil. O que você precisa saber o Corona Vírus. Disponível em: <http://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em 09 ago. 2020.

⁶ No Brasil para o enfrentamento do Covid-19, o governo de Jair Messias Bolsonaro mantém um discurso persistente e público que desqualifica os riscos, bem como ignora e banaliza em suas ações governamentais as medidas de prevenção recomendadas pela Organização Mundial da Saúde. É com desconexão entre conhecimento científico e gestão pública que o Brasil vem a passar pela pandemia.

A população brasileira, imersa em uma condição de distanciamento social que impacta de forma abrupta diversas instâncias do cotidiano já naturalizadas pela prática comum e rotineira, vem sendo forçada, em meio à pandemia, a lidar com uma situação de incerteza política, econômica, intelectual e social. O “negacionismo” (CAMPOS, 2020; CAPONI, 2020; MASCARENHAS; LAZZAROTTI FILHO; VIANA, 2020) como princípio condutor das políticas de Estado do governo de Jair Messias Bolsonaro vêm continuamente a agravar as condições de incerteza. Este tem como princípio a negação do poder dos atores sociais (que equivale ao trabalho dos cientistas, técnicos, expertise e jornalistas), das instituições de ensino e pesquisa e da imprensa em geral.

Para um país em desenvolvimento como o Brasil, que ainda experimenta um cenário de escárnio com as desigualdades sociais, os impactos dos desdobramentos do novo coronavírus tendem a agravar a exclusão social. O acesso pleno aos direitos sociais assegurados pela Constituição e, conseqüentemente, a uma vida com qualidade, torna-se ainda mais frágil, na medida em que instâncias já precarizadas historicamente são acometidas de maneira mais severa com a nova realidade que se apresenta. O trabalho e o lazer são um exemplo de práticas da vida cotidiana que tendem a se tornar mais díspares com o avanço das necessárias medidas de contenção social.

A atual situação sanitária impõe uma crise histórica ao Brasil, na qual somos imersos num cenário de grave recessão. Há um agravamento acentuado do desemprego e das relações informais de trabalho em simultâneo com as reformas neoliberais que avassalam os direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras. Nessa trilha, cabe ressaltar os riscos que em meio à pandemia correspondem a impactos estruturais em nossa sociedade, agravados nas ocupações relacionadas ao cuidado, exercidas em sua maioria por mulheres.

Santos *et al.* (2020b) afirmam que a situação de pandemia suscita um olhar preocupante para as mulheres que protagonizam os cuidados em diferentes esferas da vida e no âmbito da saúde pública. Segundo os autores, é crescente na pandemia a sobrecarga ao trabalho das mulheres cuidadoras e, como exemplo, retratam dados divulgados pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), em 21 de abril de 2020, que revelam um número de 995 profissionais de enfermagem confirmados com COVID-19, sendo que 83% são do sexo feminino e a maioria na faixa etária entre 31 a 41 anos de idade (SANTOS *et al.*, 2020b). Reportagem do jornal *Le Monde* (2020) afirma que em média seis mulheres para cada homem ocupam os cuidados com a saúde durante a pandemia.

Nessa perspectiva, Pimenta (2020) sinaliza que a pandemia tem cara de mulher porque são elas, na maioria, cuidadoras na saúde e nos lares. A autora acrescenta que “toda pandemia é racializada” (p.16), na medida em que as mulheres que cuidam são em sua maioria pardas e pretas comparativamente às brancas. E reafirma que as mulheres, mesmo não sendo de grupos de risco da doença, são mais vulneráveis no que tange a infecção pelo vírus por meio do trabalho do cuidar, especialmente ao serem desassistidas financeiramente e expostas à violência em tempos de confinamento (PIMENTA, 2020).

Para conter o alastramento dos contágios, ou seja, reduzir a velocidade de transmissão de forma a prevenir o colapso do sistema de saúde; a OMS (WHO, 2020) indica como medidas detectar, isolar e tratar os casos, rastrear possibilidades e promover o distanciamento. Tais medidas de confinamento geram mudanças bruscas no cotidiano pelas alterações quanto aos usos dos tempos sociais. Roberts (2020), na pesquisa sobre o lazer na pandemia na Grã Bretanha em que investiga o uso do tempo social, apresenta dois pontos fundamentais do contexto de confinamento: inacessibilidade ao lazer fora de casa; aumento do tempo livre à disposição das pessoas. Apesar do aumento do tempo disponibilizado às práticas de lazer, bem como redução do serviço doméstico realizado

pelas mulheres durante o confinamento na Grã Bretanha, ocorreu um aumento de práticas de lazer como programas de televisão e jogos virtuais.

Entretanto, percebemos na estrutura patriarcal e escravocrata do Brasil uma condição diferenciada na medida em que temos o trabalho doméstico (profissional ou não) exercido, majoritariamente, ainda que não exclusivamente, por mulheres, exacerbando as desigualdades entre os gêneros. Macêdo (2020) revela que as mulheres brasileiras exercem um trabalho doméstico marcado por opressão e adoecimento na medida em que são naturalizadas posições sociais hierárquicas. A estrutura familiar tradicional e conservadora que prevalece impõe às mulheres uma condição de exaustão frente aos cuidados requisitados por todos os membros da família (MACÊDO, 2020). Moraes (2020), a partir do estudo sobre comprometimento da saúde mental na pandemia, propõe formas de amenizar os prejuízos à saúde como contatos on-line com amigos, alimentação saudável, práticas de hobbies e exercícios físicos.

Contudo, as práticas que envolvem a sociabilidade e aglomeração de pessoas, principalmente em áreas fechadas, são contraindicadas. Dimensões culturais da vida, como esporte, turismo e música, são, dessa maneira, afetadas com efeitos longos e duradouros (VASCONCELOS, 2020; ROBERTS, 2020). No âmbito das políticas de lazer, duas medidas de segurança pública afetam diretamente essa dimensão social: o fechamento de diversos espaços públicos e privados destinados ao lazer, e ainda, a própria recomendação do isolamento social. Ao mesmo tempo, especialistas da área da saúde indicam incluir durante a pandemia a continuidade de práticas de lazer, como atividade física e esportiva, e a redução do comportamento sedentário, desde que de forma segura (PITANGA, *et al.* 2020). Isto inclui a prática de atividade física em ambientes abertos, individualmente, de maneira a evitar aglomerações, e com intensidade moderada. São

medidas de saúde pública indicadas para a qualidade de vida no cotidiano de confinamento em que é frequente a instabilidade psicológica.

Refletir sobre as dimensões sociais durante o isolamento sem dar visibilidade à condição social das mulheres seria silenciar a luta histórica de igualdade de gênero. É necessário incluir o trabalho doméstico, ou a dupla jornada de trabalho das mulheres, bem como o tempo disponível para os cuidados com a família, filhos e idosos, para compreender suas restrições, agravadas também em relação ao acesso ao lazer. Nesse sentido, consideramos como “violência simbólica”⁷ (BOURDIEU; PASSERON, 2014) o conformismo acentuado durante a pandemia do coronavírus quanto à negligência aos direitos sociais e humanos das mulheres. Considerar esse segmento social exige pensar nos direitos de forma ideal visto que as mulheres possuem o cotidiano repleto de especificidades e demandas de uma sociedade organizada em forma e modelo masculino (BONALUME; ISAYAMA, 2018).

É histórica, social e cultural a desigualdade de gênero e compreendemos com isso que é preciso evitar a relação direta de causalidade entre pandemia e o lugar imposto à mulher em nossa sociedade. A pandemia instaura uma crise histórica na medida em que rupturas geram descontinuidade e conduzem a mudanças sociais. A revelação de conflitos de interesses materiais e simbólicos entre matrizes ideológicas em torno de um acontecimento histórico pode agravar as desigualdades já existentes.

Diante dessa perspectiva, o presente artigo pretende refletir sobre práticas de lazer, mulheres e a pandemia do novo coronavírus, por meio de um diálogo analítico entre os dados da pesquisa “O lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências

⁷ Em Bourdieu e Passeron (2014) a violência simbólica corresponde à dominação consentida imposta pela persuasão do poder simbólico. É pela aceitação de regras e crenças partilhadas associadas à incapacidade de reconhecer suas imposições arbitrárias que a violência simbólica condiciona as relações sociais; bem como as reproduz de maneira contínua e normatiza a legitimidade de seu poder no mundo social.

cotidianas” e investigações recentes que se propõem a debater os impactos da Covid-19 na condição feminina, já bastante fragilizada por uma sociedade historicamente patriarcal.

Percursos Metodológicos

A pesquisa “O lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas” foi uma investigação de abrangência nacional, publicada em 2017, que analisou as experiências de lazer de brasileiros e brasileiras residentes nas cinco regiões do país. Financiada pelo Ministério do Esporte, foi coordenada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em parceria com a Universidade de São Paulo (USP) e contou com a participação de pesquisadores de outras nove universidades brasileiras.

O universo da pesquisa foi composto por indivíduos maiores de sete anos de idade que residem no território nacional, proporcionalmente divididos nas cinco macrorregiões do país, contemplando os 26 estados da Federação e o Distrito Federal. A pesquisa contou com uma abordagem quantitativa e qualitativa, realizada pela técnica de Survey, por levantamento amostral, com a coleta executada por meio de entrevistas pessoais, face a face, em pontos de fluxo, em municípios brasileiros previamente sorteados para compor a amostra. O instrumento foi o questionário estruturado, composto de perguntas abertas e fechadas⁸.

A amostra foi construída por cotas representativas da população, considerando as variáveis de região e unidade da federação. Além disso, considerou-se em cada estado cotas de sexo, idade, escolaridade e renda familiar, conforme dados da população

⁸ O acesso aos dados foi possibilitado pela participação direta ou indireta dos autores deste artigo no processo de pesquisa. Destacamos que um dos autores foi coordenador do projeto.

⁹ Antes da coleta de dados, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFMG. CAAE: 15066713.6.1001.5149.

apurados no Censo Demográfico de 2010 (BRASIL, 2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O tamanho total da amostra foi de 2400 entrevistas¹⁰.

As perguntas realizadas visavam conhecer, em síntese, o que os brasileiros e as brasileiras fazem em seus momentos de lazer durante a semana, nos fins de semana e nas férias, bem como o que gostariam de fazer e os motivos pelos quais não o fazem. As respostas, alocadas em um programa de banco de dados construído para a finalidade da pesquisa, podem ser lidas por meio de diversos filtros, tais como: sexo, idade, classe social, cor/raça, renda, escolaridade, região do país, estado, local de residência (zona urbana ou rural), estado civil, religião, orientação sexual, dentre outros.

Para a escrita deste artigo utilizamos duas perguntas realizadas aos respondentes de ambos os sexos: 1) o que faz durante a semana; e 2) o que faz no fim de semana. Em um primeiro momento analisamos as respostas de maneira geral, sem nenhum tipo de filtragem além dos sexos masculino e feminino. Posteriormente, acrescentamos os filtros “trabalhando”, que corresponde às pessoas empregadas no momento de realização da entrevista, e “estado civil”. As respostas dos entrevistados foram agrupadas obedecendo-se à classificação dos interesses culturais do lazer apresentados por Dumazedier (1979) e Camargo (1986) como forma de categorização dos dados, a saber: físico-esportivo; turístico; social; manual; intelectual; e artístico.

Por fim, os resultados obtidos por meio das filtrações realizadas foram problematizados à luz de pesquisas científicas recentes, no intento de produzir reflexões sobre a conjuntura atual, pois inferimos que a condição feminina para a vivência do lazer verificada na pesquisa tende a sofrer significativos impactos com o avanço da pandemia. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica com busca de artigos em periódicos

¹⁰ Mais detalhes da metodologia e do instrumento de coleta de dados podem ser encontrados em STOPPA, E. A. e ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2017.

indexados na base de dados do Scielo, visto que a plataforma tem disponibilizado acesso a artigos de diversos periódicos durante a pandemia pelo portal SciELO em Perspectivas¹¹. Pela busca: (COVID-19) OR (coronavírus) OR (SARS-CoV-2) consultamos 87 artigos. Dentre estes aplicamos o filtro lazer, mulher e trabalho e, ao final da leitura atenta dos títulos e resumos, elegemos 12 artigos a serem analisados.

Vale destacar que esse é um intento mais reflexivo do que conclusivo, haja vista a dificuldade de se extrair resultados concretos de uma situação que ainda ocorre (e de forma intempestiva) no presente momento dessa escrita e que nos impacta não apenas como pesquisadores. Nessa perspectiva, certos dos limites dessa investida, utilizamos os dados inéditos da pesquisa “O lazer no Brasil [...]” (2017) como parâmetro para reflexão sobre possíveis mudanças e permanências da situação da mulher no lazer com a realidade social trazida pelo coronavírus.

Dados sobre Mulher e Lazer na Pesquisa “O Lazer no Brasil”: Representações e Concretizações das Vivências Cotidianas

Para a finalidade deste artigo problematizaremos dados referentes às respostas das mulheres sobre as suas vivências de lazer, agrupadas conforme a classificação de interesses culturais. No intuito de demonstrar as desigualdades de fruição dessas vivências, comparamos os dados das mulheres com os dos homens, utilizando filtros que julgamos comporem indicadores relevantes para problematizar não apenas as históricas desigualdades sociais entre os sexos, mas especialmente, o cenário atual, impactado pela ampliação das demandas do/no espaço doméstico. Tencionamos evitar a relação direta de causalidade entre pandemia e problemas na organização social e familiar. Assim, a

¹¹ O portal SciELO em Perspectiva reuniu e disponibilizou vários artigos publicados (no prelo) em diversos periódicos como resposta da ciência e das universidades aos problemas de políticas públicas a serem enfrentados durante a pandemia, acesso via: <https://blog.scielo.org/> (MASCARENHAS; LAZZAROTTI FILHO; VIANA, 2020).

utilização dos filtros “trabalhando” e “estado civil” visa possibilitar diálogos com duas esferas importantes para se refletir a condição atual da mulher para a vivência do lazer, o trabalho e a família, considerando, ainda, que no momento presente encontram-se com as demarcações espaço-temporais fragilizadas.

Na sequência apresentaremos os dados da pesquisa com a aplicação dos referidos filtros, para posteriormente tecermos reflexões sobre a condição da mulher quando experienciamos a pandemia do novo coronavírus, por meio de estudos científicos recentes. Ao abordarmos as questões relativas às mulheres e o lazer, consideramos as possíveis comparações com as escolhas realizadas por homens.

Compreendemos que o lazer apresenta uma complexidade e potencialidades educativas que oportunizam prazer, socialização, bem-estar, saúde, mas pode ficar em segundo plano (BONALUME, ISAYAMA, 2018), principalmente na situação da mulher, mãe, esposa, trabalhadora. Ao apresentar essas nuances, não pretendemos discutir as diferentes realidades da mulher brasileira e do lazer, na medida em que compreendemos que diversos marcadores sociais, como raça, classe, profissão, escolaridade, territorialidade influenciam sua condição de ser/estar no tecido social.

Interesses Culturais do Lazer Durante a Semana e nos Finais de Semana

No quadro a seguir apresentamos os dados das respostas de mulheres e homens sobre suas vivências com relação aos interesses culturais do lazer, para as duas perguntas centrais que elegemos previamente: o que os (as) entrevistados (as) fazem durante a semana e o que fazem nos finais de semana (TABELA 1). Nesse primeiro momento elencamos apenas os dados gerais referentes ao total da amostra (1.185 homens e 1215 mulheres, +- 2,8). Importante ressaltar que os números representam a frequência de

escolha dos respondentes para atividades categorizadas em cada um dos interesses culturais do lazer.

Tabela 1: Perguntas: o que faz durante a semana e no fim de semana? (sexos masculino e feminino).

O que faz durante a semana?		
Interesses culturais	Homens (%)	Mulheres (%)
Interesse físico-esportivo	15,6	7,9
Interesse turístico	2,2	2,0
Interesse social	7,8	8,8
Interesse artístico	4,8	4,3
Interesse manual	0,3	1,5
Interesse intelectual	2,9	3,8
O que faz no fim de semana?		
Interesses culturais	Homens (%)	Mulheres (%)
Interesse físico-esportivo	31,5	10,3
Interesse turístico	16,1	21,0
Interesse social	28,6	35,8
Interesse artístico	6,7	8,2
Interesse manual	0,2	0,8
Interesse intelectual	0,8	2,4

Fonte: Dados da pesquisa “O lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas”/Elaboração dos autores.

Os dados nos chamam atenção para as escolhas de práticas de lazer de mulheres e homens ao longo da semana, pois as opções coincidem no que se refere aos maiores percentuais. Entretanto, existem diferenças ao percebermos a frequência de sinalização dos interesses turísticos que são maiores para os homens em relação ao elevado percentual dos interesses manual e intelectual nas escolhas das mulheres. No universo das práticas de lazer elencadas existe uma diferença acentuada e observada em relação ao interesse físico-esportivo, com os valores de superiores para os homens em relação às mulheres, durante ou no final de semana.

Este fato remete a uma questão histórico-cultural, ao sinalizar um contexto em que homens são mais incentivados às atividades físico-esportivas desde a infância e sem muitas restrições, o que influi decisivamente para a formação de um gosto esportivo (BOURDIEU, 2003). Às mulheres, a concessão para a prática esportiva no decorrer do século XX, sobretudo de modalidades que envolvem contato direto com o adversário e

maior desgaste físico, veio acompanhada de normativas e prescrições que incidem sob o controle de seus corpos. Ainda na atualidade é possível observar reflexos de várias décadas de tratamento desigual em se tratando do direito à prática esportiva em inúmeras instâncias sociais, a exemplo da escola, dos espaços públicos e dos clubes privados. De forma semelhante, podemos compreender a maior frequência de escolha das mulheres por atividades relacionadas aos interesses manual e intelectual devido a sua maior possibilidade de usufruto no espaço doméstico ou privado, culturalmente associados ao universo feminino e às suas funções de cuidado impostas aos papéis de mãe e esposa.

Nas práticas de lazer do fim de semana, percebemos frequências maiores em todos os interesses culturais das mulheres, com exceção do físico-esportivo, que tem nas escolhas dos homens um percentual consideravelmente maior em relação ao sexo oposto. Dentre variadas possibilidades interpretativas podemos pensar que, no fim de semana, são ampliadas as condições de escolha das preferências de práticas, devido ao alargamento do tempo destinado ao lazer e ao aumento da oferta de possibilidades de vivência desse interesse. Nesse caso, ao optarem por exercer mais atividades ligadas ao interesse físico-esportivo, os homens podem deixar de sinalizar com mais frequência os outros interesses.

A permanência da baixa frequência de escolha pelas mulheres das atividades físico-esportivas parece acompanhar a tendência e os aspectos histórico-culturais citados anteriormente. Ou seja, o fato de ser “fim de semana” não parece fazer muita diferença na escolha feminina em se tratando desse interesse.

Interesses Culturais do Lazer Durante a Semana e nos Finais de Semana nas Respostas de Homens e Mulheres: Filtro “Trabalhando”

O quadro a seguir expõe os dados obtidos com a utilização do filtro “trabalhando”, ou seja, apenas as respostas de homens e mulheres que se encontravam empregados no momento da pesquisa (TABELA 2). Aplicar o uso do filtro “trabalhando” é uma forma de compreender e refletir as variações na distribuição dos tempos sociais. Nossas indagações em relação às práticas de lazer das mulheres que trabalham coadunam com a ideia de divisão sexual do trabalho na medida em que há uma denúncia de desigualdades em relação ao trabalho (profissional e doméstico) de homens e mulheres, bem como anuncia uma dinâmica diferenciada das práticas de lazer. Macêdo (2020) contribui com essa reflexão ao afirmar que os cuidados com filhos e afazeres domésticos são atribuições que se relacionam com a maternidade e não com a paternidade, impactando na divisão sexual do trabalho no âmbito do domicílio.

Tabela 2: Perguntas: O que faz durante a semana e no fim de semana? (sexos masculino e feminino; filtro trabalhando).

O que faz durante a semana? - filtro “trabalhando”		
Interesses culturais	Homens (%)	Mulheres (%)
Interesse físico-esportivo	11,7	5,0
Interesse turístico	2,2	1,2
Interesse social	10,8	8,3
Interesse artístico	5,9	3,1
Interesse manual	0,0	0,9
Interesse intelectual	3,7	4,5
O que faz no fim de semana? - filtro “trabalhando”		
Interesses culturais	Homens (%)	Mulheres (%)
Interesse físico-esportivo	24,4	5,0
Interesse turístico	21,9	20,6
Interesse social	36,0	34,9
Interesse artístico	9,3	9,0
Interesse manual	0,2	0,7
Interesse intelectual	1,7	2,4

Fonte: Dados da pesquisa “O lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas”/Elaboração dos autores.

Ao considerarmos a situação empregatícia dos respondentes verificamos que a frequência de sinalização dos interesses culturais do lazer por homens e mulheres sofre

uma importante modificação. Tanto em relação à pergunta dirigida aos dias de semana, quanto ao fim de semana, percebemos que os homens empregados detêm as maiores frequências para os interesses físico-esportivo e social. No entanto, há um destaque importante para o interesse turístico que apresenta um aumento significativo nas práticas de lazer dos homens no final de semana. O mesmo acontece em relação às práticas de lazer das mulheres visto que o interesse turístico apresenta frequência elevada para esse público. Dentre os interesses elencados, identificamos que as mulheres que trabalham sinalizam maior frequência que os homens em atividades relacionadas aos interesses manual e intelectual, tanto durante como no final de semana.

Um aspecto relevante nas escolhas das mulheres trabalhadoras é o aumento substancial da vivência dos interesses turístico e social nos finais de semana. O interesse físico-esportivo continua sendo o que apresenta maior diferença de frequência de escolha entre homens e mulheres, mas se acentua em relação aos dados do fim de semana. Nesse caso, verificamos uma frequência de sinalização quase cinco vezes maior para os homens se comparados às mulheres. Sem a utilização do filtro “trabalhando”, os homens sinalizam esse interesse cerca de três vezes mais.

Interesses Culturais do Lazer Durante a Semana e nos Finais de Semana nas Respostas de Homens e Mulheres: Filtros “Trabalhando”, “Casado (A)” e “União Estável”

A seguir abordaremos os dados referentes a homens e mulheres que trabalham e que estão em uma união civil formalizada, seja pelo casamento, seja por união estável¹²

¹² Optamos por trabalhar com as situações “casado/a civilmente” e “união estável” porque no banco de dados original da pesquisa essas condições aparecem separadamente. Todavia, entendemos que são situações legais de constituição familiar e se configuram como indicadores importantes para a compreensão da problemática deste estudo.

(TABELA 3). Compreendemos, a priori, que as obrigações advindas da vida conjugal trazem novas demandas e novas possibilidades para a vivência do lazer, sobretudo para as mulheres. Não se pode negar que ainda são elas, em sua maioria, as responsáveis pelas tarefas domésticas e pelos cuidados no lar.

Tabela 3: Perguntas: o que faz durante a semana e no fim de semana? (sexos masculino e feminino; filtros “trabalhando”, “casado (a) civilmente” e “união estável”).

O que faz durante a semana? (filtros “trabalhando” e “casado (a) civilmente”)			O que faz no fim de semana (filtros “trabalhando” e “casado (a) civilmente”)		
Interesses culturais	Homens (%)	Mulheres (%)	Interesses culturais	Homens (%)	Mulheres (%)
Físico-esportivo	9,5	4,9	Físico-esportivo	20,5	4,3
Turístico	1,7	1,2	Turístico	25,8	24,4
Social	8,4	9,1	Social	36,8	32,6
Artístico	9,3	9,0	Artístico	6,3	7,6
Manual	0,2	1,7	Manual	0,2	1,3
Intelectual	5,0	4,3	Intelectual	1,1	2,1
O que faz durante a semana? (filtros “trabalhando” e “união estável”)			O que faz no fim de semana (filtros “trabalhando” e “união estável”)		
Interesses culturais	Homens (%)	Mulheres (%)	Interesses culturais	Homens (%)	Mulheres (%)
Físico-esportivo	11,0	4,5	Físico-esportivo	28,0	3,5
Turístico	2,5	0,5	Turístico	27,5	20,0
Social	16,0	3,5	Social	34,5	28,5
Artístico	7,0	1,0	Artístico	13,5	4,0
Manual	0,0	0,5	Manual	0,5	0,0
Intelectual	5,0	4,0	Intelectual	1,5	1,5

Fonte: Dados da pesquisa “O lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas”/ Elaboração dos autores.

De forma ampliada, chama-nos a atenção a frequência dos interesses culturais físico-esportivo, turístico, social e artístico e seus percentuais quando consideramos homens e mulheres com o filtro “casados civilmente” e “união estável”. Há indicativos de que os homens usufruem desses interesses de forma crescente na semana e nos finais de semana em relação às possibilidades de práticas de lazer das mulheres. As respostas relativas ao fim de semana demonstram que os homens exercem a maior parte dos interesses em maior frequência que as mulheres. Em se tratando dos dados relativos aos dias da semana, o único interesse com menor percentual significativo de sinalização é o

manual. Nos finais de semana, as mulheres apresentam uma crescente considerável nos interesses turístico e social em relação aos dias da semana, bem como uma redução no que tange aos interesses manual e intelectual.

Em síntese, considerando todos os dados apresentados, percebemos diferenças importantes em relação às vivências dos conteúdos culturais do lazer entre mulheres e homens, principalmente nas relações com o trabalho e vida conjugal. O interesse físico-esportivo é o que apresenta maior discrepância entre os valores e em todas as possibilidades de cruzamento de dados os homens apresentam maior frequência de sinalização. Destacamos a questão que indaga os respondentes sobre suas vivências no fim de semana. Utilizando-se os filtros “trabalhando” e “união estável”, o interesse físico-esportivo é assinalado cerca de oito vezes mais pelos homens do que pelas mulheres. Em se tratando ainda da mesma pergunta com os mesmos filtros, ressaltamos que a frequência masculina é maior do que a feminina em todos os interesses culturais do lazer.

Este fato nos leva a refletir sobre as condições postas para as mulheres que as impedem de vivenciar atividades de lazer ou diminuem suas possibilidades, especialmente se considerarmos a sobrecarga de trabalho advinda da dupla jornada, com destaque, nesse caso específico, para os afazeres domésticos nos finais de semana. Para o caso dos homens, o vínculo empregatício e o estado civil não parecem impactar da mesma forma as vivências de lazer.

Assim, na medida em que os dados são filtrados a condição das mulheres para vivência do lazer parece ser mais impactada e a diferença em relação aos homens se acentua, tanto em relação à frequência de sinalização de cada interesse, quanto em relação ao quantitativo dos interesses sinalizados.

Discussão sobre os Dados à Luz das Investigações Científicas Recentes

No cenário atual, demarcado pelas medidas de restrição impostas pelo novo coronavírus, as vivências de lazer tendem a sofrer maiores impactos nos espaços que não são domiciliares, especialmente em ambientes fechados ou que requerem deslocamento em transporte coletivo. Ao traçarmos as práticas de lazer das mulheres trabalhadoras em situação conjugal, percebemos possíveis perdas em suas vivências tanto nos interesses culturais manifestados “durante a semana” quanto naqueles evidenciados no “final de semana”.

Mansur (2020) discute algumas tendências do mundo pós-pandemia e acena que o período de distanciamento social poderá propiciar alterações nas atividades humanas. Para o autor, as atuais medidas de contenção propiciam a ampliação, de forma virtual, de atividades laborais, compras e conversas com amigos, por exemplo. Assim, é possível que na retomada da vida após a pandemia possamos nos deparar com posições de trabalho mais flexíveis (não necessariamente favoráveis à proteção social) que permitirão trabalhar em casa.

O autor completa que podemos descobrir que viagens, passeios de carro ou avião ou atividades que exigem deslocamentos físicos possam vir a ser desnecessárias. Mansur (2020) apresenta essa perspectiva ao considerar que na situação pós-pandêmica poderá haver maior valorização das relações com a natureza em consequência do confinamento nos domicílios e impossibilidade de acesso aos espaços públicos.

Concordamos com Mansur (2020) que mesmo no espaço doméstico são possíveis e necessárias formas de socialização que constituem interesses culturais do lazer. Ainda sobre o argumento do autor sobre a (des) necessidade turística, é possível ressignificá-la, também, a partir de reflexões de práticas consumistas da indústria turística. Compreendemos que, sob o ponto de vista da experiência cultural, ou seja, da

possibilidade de vivenciar a cultura de outras localidades e povos, as perdas com a não realização das atividades turísticas são significativas para todos nós.

Nessa lógica, corroboramos também o discurso político e social da democratização do lazer. Tal discurso busca o amplo acesso aos diferentes interesses culturais, desde garantir o direito social de sociabilidade doméstica à interação com a natureza propiciada pelas viagens turísticas. É necessário tolerar e cumprir as medidas atuais de isolamento que inviabilizam muitas vivências do interesse turístico sem negligenciar a luta histórica pelo direito amplo e universal ao lazer.

Frente aos impactos nos interesses artístico e social, há alterações na fruição do lazer no espaço doméstico. Neste caso, Roberts (2020) destaca a socialização virtual. Com a difusão das chamadas por vídeo, percebemos o *boom* de programas que fornecem serviços de videoconferências, como o *Zoom*, e que ultrapassam o mercado empresarial para o de entretenimento (SHERMAN, 2020). A ferramenta programada para atender e prestar serviços empresariais na pandemia vem a incorporar um espaço de socialização virtual; nela ocorrem festas de aniversários, encontro entre amigos e debates diversos. A indústria do entretenimento na pandemia que, por um lado tem um recuo nos interesses turísticos e artísticos, avança em direção ao consumo de “experiências virtuais”.

Sobre o uso do tempo para vivências de lazer durante a pandemia, na Grã Bretanha¹³ ocorreu um aumento no tempo gasto para prática de lazer para ambos os sexos (ROBERTS, 2020). O diferencial é que na distribuição dos tempos sociais ocorreu uma diminuição do tempo da mulher relacionado ao trabalho doméstico, enquanto para os homens ocorreu um aumento desse tempo, além do aumento do tempo dedicado ao

¹³ A saber, as Ilhas Britânicas dentro do contexto europeu não assumiram de imediato as medidas de contenção propostas pela Organização Mundial de Saúde. No entanto, entendemos que suas condições de desenvolvimento econômico e político viabilizam um grande acesso a proteção social a esses países de condução política e econômica neoliberal; isto permitiu garantir atendimento de saúde pública à população durante a pandemia.

cuidado dos filhos. No entanto, essas alterações não reverteram substancialmente a desigualdade de gênero, apenas apresentam uma possível tendência. Para Roberts (2020), é preciso compreender:

[...] how lockdown changed men's and women's uses of time. Under lockdown, men and women were spending equal amounts of time working at home. Men, but not women, increased the time they spent on childcare, and men increased while women reduced the time they spent on housework. However, in both cases women continued to do more than men. Overall, the sex gap in leisure time per day in favour of men narrowed from 49 to 35 minutes when gardening and DIY, and keep fit are included (ROBERTS, 2020, p.2).

Com o foco igualmente na distribuição do tempo social, Barbosa (2018) analisa os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (Pnad/IBGE) ao longo do período de 2001 e 2015. Em sua pesquisa, que documenta tendências na alocação do tempo considerando gênero no Brasil, identifica também mudanças na distribuição do tempo social entre homens e mulheres. Segundo os dados, a autora apresenta uma tendência da redução do tempo da mulher dedicado ao trabalho doméstico, em contrapartida um aumento do tempo do homem nessa função. Entretanto, em ambos os estudos dos tempos sociais, de Roberts (2020) e Barbosa (2018), ainda prevalece o maior tempo do trabalho doméstico sob responsabilidade das mulheres. A autora conclui:

Os resultados revelam que homens brasileiros desfrutam de mais horas de lazer do que as mulheres brasileiras, ainda que haja uma tendência de redução dessa diferença ao longo do tempo. Há uma elevação das horas dedicadas ao lazer tanto para os homens quanto para as mulheres, sendo que esta elevação se dá de forma mais acentuada para as mulheres. Os resultados mostram ainda que o aumento no número de horas de lazer ao longo do período foi ocasionado por razões diversas entre os gêneros. Para os homens, a elevação do lazer (de quatro horas semanais de 2001 a 2015) pode ser explicada por uma redução expressiva nas horas trabalhadas no mercado em comparação com o leve aumento ocorrido nas horas dedicadas aos afazeres domésticos, enquanto, para as mulheres brasileiras, a elevação nas horas de lazer (de sete horas semanais no período 2001-2015) pode ser explicada por uma redução nas horas dedicadas aos afazeres domésticos em relação à estabilidade verificada nas horas direcionadas ao trabalho no mercado (BARBOSA, 2018, p.7).

No diálogo com os dados originais da pesquisa apresentados anteriormente, é perceptível a predominância de vivências de lazer no cotidiano dos homens. Essa situação exige compreender aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos. Todavia, produções científicas recentes têm sinalizado e buscado compreender como o campo intelectual tem pesquisado e produzido conhecimento sobre as mulheres, cotidiano e pandemia de forma a contribuir para o debate das diferenças no contexto da vida prática.

Contudo, não podemos deixar de ressaltar que o campo intelectual tem sido alvo de cortes de financiamentos. Percebemos um impacto estrutural na saúde pública devido em grande parte a cortes no financiamento à pesquisa e a desmoralização das universidades, de forma a comprometer a capacidade de resposta ao contexto produzido pelo Covid-19 (MASCARENHAS; LAZZAROTTI FILHO; VIANA, 2020). Entendemos que isto resulta das tensões entre as agendas governamentais e demais atores sociais, como instituições de ensino e pesquisa e movimentos sociais no atual jogo político. Nesse cenário, percebemos a necessidade de investigações que focalizem a mulher e seus cotidianos.

Neste embate acima, um aspecto relevante é o conhecimento de práticas sociais das mulheres, como vivências de lazer, trabalho doméstico, cuidado com a família e práticas laborais, no mesmo território de privação doméstica. Silveira; Rossi; De Vuono (2020) afirmam a necessidade de reflexão crítica acerca dos novos modos do trabalho e suas relações no tecido social visto que o isolamento social implica numa transformação acelerada e abrupta na vida das mulheres trabalhadoras. O contexto da pandemia implicou na transformação das redes de sociabilidades, na experiência da vida urbana e na organização das interações sociais possíveis na casa. O lar passa por mudanças que contribuem para a extinção (ainda que temporária) dos modos de morar e trabalhar (SILVEIRA; ROSSI; DE VUONO, 2020).

Os novos modos de morar e trabalhar, se por um lado, podem ampliar as sociabilidades familiares pela coexistência no mesmo espaço físico, no outro extremo, podem contribuir para o aumento das violências contra as mulheres e potencializar fatores que provocam seu aumento (SANTOS *et al.*, 2020c). Segundo as autoras, os casos de feminicídio comparando entre março e abril de 2020 com o ano de 2019 cresceram 22,2%; ao mesmo tempo em que ocorreu a redução de boletins de ocorrência durante a pandemia. Podemos questionar, assim, até que ponto a medida de segurança pública que sugere o confinamento domiciliar garante segurança a todos ou a todas as mulheres.

Em resposta a esta situação alarmante, diversas articulações solidárias reúnem práticas sociais para dar suporte mediante a ausência e precariedade de políticas de Estado. Sobre tais medidas que, por um lado, dão suporte de imediato às necessidades da população, como acolhimento de mulheres em situação de violência doméstica, por outro lado, de forma estrutural, viabilizam uma profunda individualização dos problemas sociais (LE MONDE, 2020). No contexto brasileiro atual, assumir a proteção social definida por lei como dever do Estado sem solicitar às instituições legítimas, como Ministério Público e instituições do poder legislativo que responsabilizam o executivo pelas políticas negligentes, pode ampliar os riscos sociais. São estas três esferas articuladas que podem garantir às mulheres o direito ao lazer, bem como uma vida com dignidade em nossa sociedade democrática.

Outra conjuntura importante é a quase inexistência das relações de convívio social e público, ou dito de outra forma, a sociabilidade é, para além dos muros das casas, intermediada pelas tecnologias e meios digitais. Silveira; Rossi; De Vuono, (2020) revelam que as pessoas se relacionam considerando os espaços territorialmente demarcados e determinados pelos limites da casa de cada sujeito. Ao considerarmos que os interesses turísticos e sociais são escolhas predominantes dos finais de semana para as

mulheres trabalhadoras, precisamos refletir sobre os impactos do distanciamento social nas suas relações com o trabalho, bem como nas percepções do tempo/espaço na organização da vida cotidiana. Para além das infraestruturas físicas e equipamentos necessários ao trabalho remoto no ambiente da casa, é necessário refletir sobre os impactos da sua intensificação na vida da mulher que executa a profissão e os afazeres domésticos e de cuidado.

A partir dessa perspectiva, em período de distanciamento social, o tempo se torna uma categoria importante visto que há uma flexibilização do tempo de trabalho e de lazer. Esses tempos se confundem e essa relação não dicotômica resulta da homogeneização dos modos de morar e trabalhar. Segundo Silveira; Rossi; De Vuono, (2020)

Com o isolamento e aceleração dessa transformação social, os "modos de morar" e "os modos de trabalhar" não apenas se confundem (como já pretendia a reorganização econômica) mas, de forma sobremaneira intensificada, vão se homogeneizando como medida durante e para além da pandemia, permitindo o rompimento de relações que impediam o aumento da produção (mesmo que sejam direitos, ainda que fundamentais), desde que criem condições favoráveis para a superação da crise, aumento da capacidade de acumulação e da extração de um mais valor (SILVEIRA; ROSSI; DE VUONO, 2020, p.3).

A articulação entre tempo de lazer e trabalho sofre tensionamentos bruscos nessa crise histórica à medida que são limitados pelo território doméstico. É no espaço do lar que as famílias continuam as práticas de cuidados básicos essenciais, como alimentação, descanso, cuidados pessoais, serviço doméstico e, com a pandemia, alocam de forma inesperada também suas práticas laborais, religiosas, vivências de lazer e seu tempo de deslocamento.

Com este panorama do novo modo de estar no domicílio, no qual historicamente a mulher assume dupla jornada, consideramos preocupantes os discursos que tendem a reverter qualquer avanço, mesmo que ainda limitado, nas políticas de igualdade de gênero e nos direitos das mulheres. As “violências simbólicas” que reforçam desigualdades, como as apresentadas pela pesquisa “O lazer no Brasil [...]” (2017), e impõem às mulheres

condições sociais precárias no novo território do lar precisam ser reveladas, de forma a conscientizar as próprias mulheres quanto a melhores condições de igualdade de gênero.

Considerações Finais

Como antecipamos no momento inicial desse texto, nosso intento é mais reflexivo do que conclusivo, tendo em vista a especificidade do objeto que nos propomos a problematizar e a própria situação atual de enfrentamento à pandemia, que faz com que a provisoriedade do conhecimento científico seja ainda mais sensível.

A pesquisa “O Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas” (2017), estudo inédito em nosso país, evidencia dados de grande relevância para se compreender questões caras aos estudos do lazer no que tange ao acesso da população à sua vivência plena, assegurada em forma de lei pela Constituição Federal de 1988.

Os dados que expomos utilizando os filtros selecionados demonstram discrepâncias entre mulheres e homens em relação à frequência de participação em atividades de lazer relacionadas aos interesses culturais. Essas diferenças se acentuam quando considerados os fatores trabalho e estado civil, o que chama a atenção para a possível interferência das desigualdades de gênero experimentadas nas condições laborais e no espaço doméstico, na vivência de atividades de lazer.

Em nosso processo reflexivo percebemos a necessidade de escapar de análises fragmentadas e que estabelecem relações diretas de causalidade entre pandemia e qualidade de vida das mulheres, por entender que são históricas, sociais e estruturais as desigualdades de gênero e as limitações quanto ao acesso às vivências de lazer.

A pandemia, nesse sentido, instaura uma crise histórica que ultrapassa a saúde pública. A escrita deste trabalho nos faz refletir em relação à noção de segurança, uma

vez que globalmente o confinamento é a medida primordial de segurança frente à pandemia do coronavírus. Entretanto, o que assistimos é um aumento alarmante da violência doméstica e do desemprego que atinge famílias em vulnerabilidade social. Com isso, não queremos questionar o isolamento, mas pensar em medidas que incluam e dêem amplo acolhimento também às mulheres com suas diferenças.

Enfim, a pandemia intensifica, sobremaneira, as relações desiguais entre homens e mulheres, principalmente quando estas assumem postos de trabalho e/ou investem em sua formação profissional. A crise e novos modos de viver instaurados pela pandemia possibilitam a inscrição do estresse econômico, das incertezas quanto ao coronavírus, das violências “simbólicas” e literais sofridas pelas mulheres. Todavia, na perspectiva de discutir o lazer e as mulheres buscamos provocar reflexões sobre as situações de exclusões e vulnerabilidades as quais impactam a vida das mulheres, bem como visamos o enfrentamento do conformismo que se inscreve nos discursos patriarcais e segregadores.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda. Tendências nas horas dedicadas ao trabalho e lazer: uma análise da alocação do tempo no Brasil. **Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 2018. 62 p. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34306. Acesso em: 30 jul. 2020.

BONALUME, Cláudia Regina; ISAYAMA, Hélder Ferreira. AS MULHERES NA PESQUISA O LAZER DO BRASILEIRO. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 5, n. 1, p. 3-24, 2018.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do Sistema de ensino. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de século, 2003.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2010.

CAMARGO, Luís Otávio O. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS, Gastão W. S. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020.

CAPONI, Sandra. **Covid-19 no Brasil:** entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados*. Volume 34, número 99, 2020. P.209-223. Doi: 10.1590/s0103-4014.2020.3499.013

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

JOHN HOPKINS UNIVERSITY (JHU CCA). **COVID-19 Dashboard**. 2020. Disponível em <https://www.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b8e9ecf6>. Acesso em: 13 jul. 2020.

LE MONDE. **Notas sobre uma leitura feminista da pandemia**. Disponível em: <http://diplomatie.org.br/notas-sobre-uma-leitura-feminista-da-pandemia/>. Acesso em: 06 ago. 2020.

MASCARENHAS, Fernando; LAZZAROTTI FILHO, Ari; VIANNA, Lauro Casqueiro. A ciência e a RBCE em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Porto Alegre, v. 42, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892020000100100&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 jul. 2020.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia Covid-19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020.

MANSUR, Alexandre. Oito megatendências para o mundo pós-coronavírus. **Exame**, São Paulo, 1º abr. 2020. Disponível em: <https://exame.com/blog/ideias-renovaveis/oito-megatendencias-ecologicas-para-o-mundo-pos-coronavirus/>. Acesso em: 25 maio 2020.

MORAES, Rodrigo Fracalossi de. Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva (Nota Técnica 27). **Ipea**: Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia. 2020. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9836>. Acesso em: 27 jul. 2020.

PIMENTA, Denise. Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 8, p. 8-19.2020.

PITANGA, Francisco; BECK, Carmen C. e PITANGA, Cristiano S. Atividade Física e Redução do Comportamento Sedentário durante a Pandemia do Coronavírus. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 114, n. 6, p. 1058-1060, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.cardiol.br/portal/abc/portugues/2020/v11406/pdf/edicao/9/#zoom=z>. Acesso em: 27 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.36660/abc.2020023>

ROBERTS, Ken. Locked down leisure in Britain, **Leisure Studies**, v. 39. 2020. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02614367.2020.1791937>. Acesso em: 27 jul. 2020. DOI: 10.1080/02614367.2020.1791937.

SANTOS, Gabriela de B. M. *et al.* Trabalho e saúde em tempos de pandemia pela Covid-19: cuidado de si e direito à autoproteção das mulheres. 2020b. **Scielo Preprints: Scientific Electronic Library Online**. Disponível em: <http://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/528>. Acesso em: 10 ago. 2020. DOI:<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.528>.

SANTOS, Luisa S. *et al.* Impactos da pandemia de COVID-19 na violência contra a mulher: reflexões a partir da teoria da motivação humana de Abraham Maslow. **Scielo Preprints: Scientific Electronic Library Online**. 2020c. Disponível em: <http://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/915>. Acesso em: 27 ago. 2020. DOI:<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.915>.

SHERMAN, N. Zoom sees sales boom amid pandemic. **BBC NEWS**.2020. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/business-52884782>. Acesso em: 06 jan. 2020.

SILVEIRA, Suzana Maria Loureiro; ROSSI, Renan Alarcon; DE VUONO, Gabriel Dib Daud. Pandemia:(mesmos) modos de morar e trabalhar?. **Revista Políticas Públicas & Cidades**–ISSN, v. 2359, p. 1552.

STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. (Org.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas: Autores Associados, 2017.

VASCONCELOS, Giovani *et al.* Complexity signatures in the COVID-19 epidemic: power law behaviour in the saturation regime of fatality curves”, medRxiv: **The Preprint server for health sciences**. 2020. Doi: <https://doi.org/10.1101/2020.07.12.20152140>

WHO. WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020. Disponível em: <http://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 30 jul. 2020.

Endereço das Autoras:

Sarah Teixeira Soutto Mayor
Avenida Brasil, 2539/601, Centro.
Governador Valadares – MG – 35.020-070
Endereço Eletrônico: sarahsoutto@gmail.com

Marcília de Sousa Silva
Rodovia LMG 818, km 06, s/n
Florestal – MG – 35.690-000
Endereço Eletrônico: marcilia.silva@ufv.br

Carolina Gontijo Lopes
Rehorstrasse 6
50 825 Köln
Deutschland/Germany
Endereço Eletrônico: carolminasfef@yahoo.com.br